MODERN!SMO

Arquivo Virtual da *Geração de Orpheu*

modernismo.pt

Cartas e polêmicas: Ronald de Carvalho e as questões modernistas

Mirhiane Mendes de Abreu

Artigo publicado em A Arte da Comparação, ed. Jorge Coli e Miriam Gárate, Campinas, Editora Unicamp, 2016

IELT INSTITUTO DE ESTUDOS DE LITERATURA TRADICIONAL FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS / UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
FCSH FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
BNP BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Artigo publicado em
A Arte da Comparação, ed. Jorge Coli e Miriam Gárate, Campinas, Editora Unicamp, 2016

Cartas e polêmicas:
Ronald de Carvalho e as questões modernistas

Mirhiane Mendes de Abreu

1. Palavras iniciais:

A trajetória intelectual de Ronald de Carvalho no âmbito do movimento modernista brasileiro e percebida através de sua correspondência vem sendo objeto da minha pesquisa já há alguns anos. Na ocasião do colóquio em homenagem ao Professor Luiz Dantas, esta investigação estava em fase inicial e muito se processou desde então, motivo que gerou a escolha por apresentar aqui os frutos desses anos. Naquele momento, o olhar dedicado às referidas cartas voltavam-se quase que exclusivamente ao diálogo entre Ronald de Carvalho e Mário de Andrade, objeto agora ampliado, sob o enfoque comparativo, para outros interlocutores, mostrando-se relevante desde a alteração do título (no evento, a comunicação chamou-se "Cartas de Ronald de Carvalho a Mário de Andrade") até a exposição do desenrolar do debate embrionário àquela época.

Diante disso, a proposta deste ensaio é tentar compreender a universalidade como tema ou constituinte do labor criativo e o seu encaminhamento valorativo pela crítica literária, particularmente no tempo modernista brasileiro e em respeito ao mundo ibérico. O olhar para novas fronteiras tanto pode ser bem compreendido como temática das criações (especialmente se explorado o tema da viagem), quanto pela colaboração em revistas e diálogos epistolares (dois lugares de circulação e debate das ideias em expansão). Para o alcance dos objetivos aqui delineados, cujo foco é compreender a polêmica por meio do gênero epistolar, o tema pode ser bem problematizado se percebido por um jogo duplo, entre a esfera particular e a pública, ou seja, através de cartas privadas ou abertas, bem como de críticas e resenhas estampadas em periódicos da ocasião. O que pretendo aqui é, portanto, tentar observar os bastidores e a encenação pública das polêmicas que demarcaram os pontos intrínsecos do local/universal do modernismo, escolhendo como objeto de estudo o lugar ocupado por Ronald de Carvalho neste debate.

2. Cartas, Ronald de Carvalho e as questões modernistas:

A escrita epistolar manifestou-se como espaço propício para as formulações coletivas no contexto de efervescência intelectual do modernismo brasileiro, tanto por exercer a função de "laboratório" do processo criativo (quer individual, quer coletivo), como pela possibilidade de se atribuir a esses papéis o valor de documento sobre o tempo e sobre os homens que interagiam através das correspondências. Não obstante a sua difusão no período, o gênero não se constitui como novidade do momento modernista. Ao contrário, em conformidade com o que expõe Anne Chamayou, em *L'esprit de la lettre*[1], o discurso epistolar, como espaço de debate intelectual, tem sua forma associada ao Espírito das Luzes, notadamente a partir de *Lettres persanes*, de Montesquieu. A partir aproximadamente do século XVIII, a carta se constituiu como registro principal dos escritores e filósofos, os quais, em algum momento da vida, fizeram deste seu principal gênero, por se tratar de uma prática social na qual se investiu como meio de expor os debates em andamento a um público pouco a pouco constituído. No caso brasileiro, a escrita de cartas como veículo de debates literários/culturais ou políticos adquire lugar ainda no século XIX, conforme se ilustra pelas polêmicas em que José de Alencar se envolveu, desde que discordou, por cartas anônimas, de *A Confedração dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, até quando viu sua obra ser objeto de problematização, lembrando aqui a polêmica encetada por Franklin Távora, em *Cartas a Cincinato,* recentemente reunidas e anotadas por Eduardo Vieira Martins[2]. Ainda que restrita a um só autor, a ilustração serve para introduzir o fato de que a escrita epistolar, na modalidade "cartas abertas" e, não raro, sob pseudônimo, se constituiu como recurso privilegiado para o encaminhamento da polêmica na crítica literária brasileira oitocentista, espraiando-se na primeira metade novecentista. Em paridade com a modalidade "aberta", existem as cartas particulares, aquelas em que questões calorosas se viabilizaram igualmente pelos debates levados a termo pelos intelectuais de então. Públicas ou pessoais, seja como for, o fato de o discurso epistolar se constituir como um relevante gênero do encaminhamento da crítica literária brasileira convida-nos, no mínimo, a aproximar as questões centrais do itinerário eleito para difundi-las: sob a forma de diálogo, destaca-se, ao lado da temática, a incidência na comunicação, no debate, no convite (ou intimação) à resposta. Em outras palavras: não se trata apenas de observar o que se debatia, mas como se impulsionava a discussão.

O próprio fato de um crítico como Nestor Vitor falar aos jovens poetas por esse caminho, em *Cartas à gente nova*[3]; ou de Mário de Andrade ter sido levado compulsivamente por esse recurso, além dos exemplos acima comentados, mostra que a escrita de cartas talvez possa ser pensada como um

---

[1] CHAMAYOU, Anne. *L'ésprit de la lettre.* Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
[2] Respectivamente: CASTELLO, José Aderaldo (org.). *A polêmica sobre "A Confederação dos Tamoios".* São Paulo: Setor de Publicações da FFLCH, 1953; e TÁVORA, Franklin. *Cartas a Cincinato.* Organização, introdução e notas de Eduardo Vieira Martins. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.
[3] VITOR, Nestor. *Cartas à gente nova.* Rio de Janeiro: Edição do Anuário do Brasil, 1911.

fenômeno histórico considerável e característico dos momentos de consolidação da nossa crítica literária. Não é uma simples coincidência o encaminhamento pelo gênero, assim como deve ser ponderado o seu substrato polêmico, muitas vezes desviado para os ataques pessoais. O que pretendo remarcar é que a organização e a leitura dessas fontes primárias contribuem para se pensar o grande mosaico que ata o modernismo aos oitocentos, tanto no que respeita aos pontos de vista, quanto ao que considera aos meios de circulação. Trata-se, assim, de pensar a constituição da rede social e textual elaborada naquele momento e que promoveu um sentido muito específico na posterior interpretação daqueles anos.

Dos aspectos temáticos preponderantes do modernismo impulsionados por esse veículo, destacam-se as estratégias de afirmação das novas idéias; o debate sobre a poesia, com a exploração dos limites do gênero; a atividade de cada um encarada sob a forma de "missão"; a constituição dos salões; a prática recorrente de fazer a produção literária circular entre o grupo dos modernos, de maneira que suas obras fossem lidas e criticadas pelos pares, possibilitando, assim, um debate coletivo; e, por fim, as visões distintas de temas candentes, como a nacionalidade, encarada ou de forma estreita ou com amplitude de diálogo. Através das cartas escritas no período, é possível perceber um programa coletivo em curso, o que nos permite pensá-las como um espaço em que eram esboçados novos parâmetros críticos. Do ângulo deste ensaio, a correspondência não é um simples vestígio daquele universo, mas o lugar privilegiado onde podemos entrever os principais traços da identidade cultural dos anos 20; traços esses que, problematizados, podem nos levar a compreender as forças que cooperaram com a carreira de êxito de um escritor como Ronald de Carvalho, tão ativo nos debates travados no período, mas posteriormente relegado a segundo plano pela historiografia literária brasileira[4]. A tentativa de recompor os vínculos do autor com a socialibidade circundante implica não apenas conjugar as informações obtidas nessas fontes primárias, mas perceber os elementos que concorreram para a definição dos caminhos desse modernista no decênio de 1920, uma vez que na sua trajetória se entretecem questões estreitamente relacionadas ao desenvolvimento da modernização cultural e no que isso abriga o tema da nacionalidade, questão que se figurou como o prolongamento temático e formal da narrativa crítica dos oitocentos. Trata-se, assim, de compor o sistema epistolar do modernismo e compreender a eficácia do gênero como meio para interpretação cultural de um momento em que a própria cultura (e, em seu bojo, a literatura) ganhava novos pressupostos interpretativos.

Metodologicamente falando, ao distinguir *carta* de *correspondência*, Jeanne Bem sublinha as distintas vinculações de cada uma. No primeiro caso, trata-se de um envolvimento pontual; ou seja, a carta, quando percebida de modo isolado, vincula-se, no máximo, à que a antecede e à que a sucede. A

---

[4] Como sinal desse esquecimento, vale lembrar que no livro *República das Letras*, no qual Homero Senna recolhe depoimentos de escritores que discorrem sobre suas carreiras e fazem referências aos mais diversos acontecimentos, dentre eles o modernismo, são raros os autores que mencionam o nome de Ronald de Carvalho, exceção feita a Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Tristão de Athaíde (SENNA, 1996) .

correspondência, por sua vez, organizada de forma específica, articula a carta no interior de uma "rede textual", que requer "pesquisa documental, levantamento de fontes, decifração de nomes, idéias e circunstâncias", e que possibilita o trabalho de interpretação crítica[5]. Com essa distinção em vista, a investigação da "rede textual" em que se insere a correspondência de Ronald de Carvalho pode explicitar a complexidade das formulações críticas do momento, porque narra e documenta a relação do escritor com a dinâmica inovadora do país, abrigando, no interior da referida dinâmica, os vínculos internacionais, principalmente com o mundo ibérico em geral. Desse ângulo, há um aspecto de sociabilidade no percurso elaborativo das criações modernistas que ambicionavam distanciamento de práticas e traçados tidos por obsoletos, o que faz da epistolografia um espaço privilegiado para o debate das propostas que estavam sendo desenvolvidas naquele momento. No caso particular de Ronald, as considerações sobre o processo de modernização da literatura brasileira podem ser ampliadas se analisarmos sua correspondência inserindo-a no quadro das múltiplas atividades intelectuais exercidas pelo autor, atividades possibilitadas, em certa medida, por sua carreira diplomática.

O conjunto epistolográfico de Ronald de Carvalho deixa compreender o interesse de um grupo por divulgar a literatura brasileira e permite rastrear, interpretando, o desenvolvimento dos seus pressupostos críticos, especialmente quando confrontados com seus ensaios ou, até mesmo, com a trajetória de elaboração dos seus poemas, notadamente *Toda a América*[6]. Se os detalhes da vida doméstica dos envolvidos são, de um modo geral, irrelevantes, a atuação deles na vida pública, percebida pela correspondência, deixa traços importantes para outra recomposição do modernismo, notadamente se pensado o trabalho de catequese no qual se envolveram seus protagonistas. Essa atitude quase missionária, levada a termo pelo ato de escrever cartas, mas também pelas inúmeras conferências, colaborou com a ação programática e coletiva do movimento. Cabe ressaltar, diante disso, que, como todo elemento interpretativo, a escolha da epistolografia como mecanismo de compreensão daquele tempo baseia-se na consideração de que o gênero oferece estruturas e processos do passado, todos passíveis de justificativa e, igualmente, de seleção interpretativa coerente para, ao menos, se refletir sobre o período modernista.

Visando a codificar a epistolografia de Ronald de Carvalho, esbocei quatro aspectos que nos permitem analisar os padrões composicionais da sua correspondência e organizam o seu perfil biográfico-intelectual nos meandros da construção da poética modernista: o primeiro, mais propenso à

---

[5]BEM, Jeanne. " L'épistolaire dans les romans de Flaubert". *Bulletin des Amis de Flaubert-Maupassant*, (numéro 1), p.57-72, 1993.

[6] Procurei esboçar o plano interpretativo deste livro no artigo "Sensações e deslocamentos – a viagem em *Toda a América*". Nele, tentei compreender como, a par da questão identitária envolvendo o ato de viajar, a escrita de cartas é adotada como procedimento de aproximação e partilha das notícias, das experiências e das sensações do viajante pelo Novo Mundo. In: *Letras de Hoje*, n. 2, 2011.

ação coletiva, refere-se ao Ronald divulgador; o segundo, de viés crítico-memorialístico, compartilha com os interlocutores a dinâmica criadora, sua e de seu destinatário; o terceiro, de finalidade auto-reflexiva, compreende a análise do seu próprio traçado poético; e, por fim, o quarto, remontando às relações internacionais, revela a tenacidade com que procurou estabelecer o intercâmbio político-cultural entre o Brasil e diversos outros países. Elucidam esses aspectos quatro cartas, uma destinada a Ribeiro Couto; outra, a Mário de Andrade; a terceira, a Prudente de Moraes, neto; e a última, a Antonio Ferro.

A leitura da carta dirigida a Ribeiro Couto, em março de 1923, ilustra o papel de divulgador que Ronald se atribuía e lança luzes para o projeto político e coletivo no qual se envolveram o autor e sua geração. A conduta que ressoa nessa epístola está em concordância com a ação pragmática deste intelectual, absorvendo os limites da sua atuação e deixando clara a responsabilidade assumida para difundir a literatura e a cultura brasileiras:

> Que tens feito, meu querido amigo? Quando aparecerão os "Poemetos de Ternura e de Melancolia"? Estou ansioso, pois, tendo sido convidado pelo governo mexicano para visitar o México, pretendo levar, com os outros, esse teu anunciado e delicioso livro.[7]

O fragmento deixa perceber a postura difusora do remetente, que colocava em circulação seus colegas escritores e lançava mão das oportunidades abertas pelas suas funções políticas e diplomáticas para, por meio delas, divulgar a cultura brasileira, especialmente a produção modernista. Esse trabalho de ação cultural fervilhava em sua correspondência, veículo de importância estratégica no percurso da disseminação do ideário que passava a vigorar. Nesse aspecto difusor reside um tema caro e assíduo na trajetória intelectual de Ronald de Carvalho, qual seja: a discussão sobre o problema da inconstância cultural brasileira e o programa necessário à construção da sua "estabilidade". Para ele, escrever sobre literatura equivalia a proporcionar à sociedade brasileira aquilo de que ela mais carecia: uma organicidade cultural. A tese, identificada em seus ensaios e na sua *Pequena História da Literatura Brasileira*, repousa no princípio de que a qualidade intelectual só é alcançada com sobriedade e disciplina, apenas conquistadas com a sociedade moderna, dado seu pendor mais acentuado para imprimir organização e exame da tradição. Por isso, em linhas gerais, Ronald abraçava o propósito coletivo que entendia a construção de um projeto nacional segundo a urgência de conhecimento de si pelos próprios brasileiros (de onde emergem os programas de catequese dos escritores e intelectuais daqueles anos), devidamente apreciados e aceitos no âmbito externo (o que provoca a urgência na divulgação).

O segundo aspecto do perfil epistolográfico de Ronald de Carvalho possui duas vertentes, a crítica e a memorialística. Do lado crítico, observa-se o arcabouço ensaístico da correspondência, em que

---

[7] **Fundo Monteiro Lobato**. Série: Correspondência. Subsérie: Terceiros, CEDAE/UNICAMP.

desenvolve considerações a respeito da dinâmica criadora, sua ou do seu remetente. Do lado memorialístico, encontra-se, no cerne do debate crítico, o registro das primeiras impressões de obras dos companheiros de sua geração, configurando-se como "memória da recepção". Ilustra esse padrão a carta destinada a Mário de Andrade em 10 de fevereiro de 1926. Nela, Ronald, além de apresentar o pintor Navarro da Costa ao amigo paulista e aludir ao envio de exemplar do seu *Toda a América*, aprecia "Losango Cáqui". O comentário de Ronald é uma das primeiras impressões de que dispomos sobre o poema, o que o torna particularmente interessante para a construção da memória da sua recepção. O crítico, aqui, organiza sua reflexão a respeito dos caminhos trilhados por Mário de Andrade no seu processo de criação, percebido pelo confronto com a *Paulicéia Desvairada*, e ressalta o princípio a que chama de "lirismo do real" como eixo da poética marioandradina:

> Chamei a tua descoberta "lirismo do real", e, sem a menor pretensão metafísica, parece que estou certo. A penetração contínua da realidade no teu movimento criador, dá-lhe uma riqueza de substância maravilhosa. [...] Acho este poema uma das tuas mais felizes invenções. [...]
>
> LOSANGO tem, sobre Pauliceia, a vantagem de ser livre de intenções. Paulicéia é um livro de poeta que se recorda, que se vinga, que insulta, que sofre, que, às vezes, se diverte. LOSANGO é um livro de poeta que se deixa ser, para usar a linguagem de Berkeley.[8]

Essa carta não se reduz a comentários laudatórios, mas busca erigir uma teoria para compreender a poética do destinatário. Dessa forma, ao problematizar as tensões do ato poético de Mário de Andrade (no caso, seu "lirismo do real" e o fato de ser "livre de intenções"), Ronald esboça seu perfil crítico, que explora um poema em razão da consciência criadora do seu autor. Em grande parte dos casos, as cartas assinadas por Ronald de Carvalho permitem entrever os processos e as dinâmicas geradoras da poesia do seu destinatário. A sua correspondência incorpora o projeto de universalizar a literatura brasileira, divulgando-a, ao mesmo tempo em que oferece detalhes sobre os seus "arquivos de criação"[9] e revela uma espécie de súmula dos princípios teóricos inscritos no seu ensaísmo[10]. Visto no conjunto, esse complexo epistolográfico permite-nos reconstituir a multiplicidade da ambiência histórica e cultural e, de modo correlato, observam-se também as fissuras e altercações, adensando as complexidades do cenário intelectual vivenciado nos anos 20; cenário este de visões e propostas multifacetadas, por vezes até antagônicas e irreconciliáveis.

---

[8]Cartas a Mário de Andrade. In: **Fundo Mário de Andrade**, série: Correspondência, sub-série: Correspondência passiva, do IEB, 1923-1925.

[9] Em "Uma ciranda de papel", Telê Ancona Lopez refere-se aos "arquivos da criação" como um dos eixos do estudo de correspondências que, entrando no âmbito da crítica genética, revelam itinerários de trabalhos dos poetas, romancistas, músicos, artistas plásticos, dentre outros. Ver: GALVÃO, W. N. & GOTLIB, N. B. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2000.

[10] Em *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo***,** Júlio Castañon Guimarães faz uma aproximação entre carta e artigo: "essa aproximação não se dá apenas por referência, [...], mas na quase totalidade das cartas pelo fato de o texto destas vir a discorrer sobre os assuntos de interesse dos correspondentes. Em alguns casos mais extremos, a carta se confunde inteiramente com um texto ensaístico". Ver: GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo***.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura, 2004, p. 32.

Essa instância do dissídio no modernismo pode ser compreendida pelo terceiro aspecto da rede epistolar de Ronald, o qual, relacionado ao anterior, identifica-se na carta a Prudente de Moraes, neto. O tom inicial do texto pretende expressar gratidão pela resenha perturbadora que o destinatário escreveu sobre o livro *Toda a América*. Entretanto, o leitor logo percebe a exposição dos princípios teóricos que norteiam a criação poética de Ronald de Carvalho. Apresentando uma definição acerca do conceito de poesia, o escritor justifica seus argumentos estéticos pelo conhecimento direto da "realidade americana", o que seria para ele fundamental para construir "americanamente" uma literatura a seu respeito[11]. Nesses termos, ele teria procurado compor *Toda a América* a partir de elogios e da confirmação de aspectos positivos dos países cantados, o que o conduziu a afirmar categoricamente que o valor da sua poesia está no seu "esquema lírico". Por "esquema lírico", o autor compreende a modulação da própria fatura poética, que se explica pela "síntese" dos "detritos sensoriais" (as emoções do poeta) e dos "resíduos intelectuais" (a "memória erudita"). Acompanhando as exigências do gênero epistolar, Ronald defende seus pressupostos, discute os pontos contrários elencados pelo interlocutor e faz convergir, de modo controverso, o projeto poético ao político. A consciência artesanal dos traçados do seu verso, associada às ambições do diplomata, demonstra a importância de uma leitura que coloque lado a lado os diversos gêneros cultivados pelo autor: ensaios, conferências, cartas e poemas. São elementos entrevistos pela conclusão desta carta:

> Eu prefiro jogar do lado forte. Errado ou não, eu estou com o Brasil que me impõem certas fatalidades de toda a substância moral e intelectual que o representa. Você, ao contrário, reserva para as suas preferências alguns elementos isolados, e defende-os com todo o ardor. Eu gosto de somar. Você gosta de dividir. (KOIFMAN, 1985; p. 209)

A matéria poética será operada em razão do jogo político e este, por sua vez, com o compromisso de propaganda de um país "gigante pela própria natureza", conforme se lê em poemas como "Brasil", rebatido por Prudente de Moraes e respondido pelo poeta de *Toda a América*. Os conceitos de Brasil e de brasileiros são delineados em conformidade com o otimismo expansionista do momento sobre o qual Ronald, pela sua atuação diplomática e pela política que mais tarde abraçará, terá grande responsabilidade. Tendo isso em mente, o diplomata das Relações Exteriores formulará mais uma das suas veredas no projeto modernista. Trata-se, aqui, do quarto aspecto do perfil epistolar de Ronald, aquele que deixa entrever os esforços de um grupo para estabelecer laços com escritores de outros países. A carta a Antonio Ferro, por exemplo, redigida em setembro 1922, retoma a apresentação do escritor português feita por Ronald, quando da sua estada no Brasil:

---

[11] KOIFFMAN, KOIFMAN, Georgina. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. 1924/36. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.205-209.

> Folgo em saber que os nossos amigos de São Paulo acolheram as suas conferências com entusiasmo e sinceridade. Quando aparecerá o seu livro editado por Lobato? Que venha prontamente. Mando-lhe, com muita satisfação, as palavras que escrevi para a festa do Trianon, e agradeço-lhe a carinhosa idéia que v. teve de ajuntá-las à sua nova e maravilhosa estética.[12]

No discurso de apresentação de Antonio Ferro[13], Ronald de Carvalho apontou o papel da tradição e da liberdade criadora como elementos construtores da sua poética. No fragmento dessa carta, o que se pode destacar são as referências ao intercâmbio vivido entre os escritores dos dois lados do Atlântico: a acolhida dos autores paulistas, a publicação do livro português por editora brasileira, a notícia de envio do discurso proferido e o agradecimento. São indícios que nos permitem cogitar que o exame da correspondência de Ronald de Carvalho apresenta algumas configurações da rede social do período, o que inclui a convivência internacional, e apresenta meios estratégicos para a conformação do sistema literário e cultural brasileiro.

A fim de se perceber o "método" de trabalho do escritor, o exame da sua epistolografia (dividida em quatro aspectos por finalidade expositiva) deve ser feito com referência ao complexo cultural em que se insere e às implicações do ideário crítico e estético do primeiro modernismo. Diante disso, para além dos afetos, o estudo das singularidades da correspondência de Ronald de Carvalho possibilita averiguar o encaminhamento das polêmicas em prol da renovação da linguagem artística e da ambicionada estabilidade cultural. Se, de um lado, havia a imposição de atualizar o país, os escritores, porém, divergiam quanto às idéias e às maneiras de comprometimento com esse fim. Observar essas fissuras pela correspondência, na modalidade pública ou na particular, oferece possibilidades de aprofundamento dos temas então em voga.

Essas questões aqui apresentadas se complicam quando pensadas na tradição do gênero escolhido, a epistolografia, prática fecunda na era das Luzes e, no Brasil, principalmente com o século XIX, mostrou-se meio privilegiado para a polêmica na nossa crítica literária, como procurei apontar. Todo grande escritor de então, em algum momento da sua carreira, investiu no gênero, fosse como etapa preparatória às suas obras, fosse como um fenômeno sociocultural indispensável ao seu tempo. A escrita epistolar acompanhou a produção intelectual da época, tanto em forma de prospectos, crônicas, panfletos, cartas abertas e mesmo as pessoais[14]. Da perspectiva deste artigo, o que se constitui como essencial, no caso do modernismo e no caso particular que cerca o nome de Ronald de Carvalho, é trazer à tona as ambições, que eram muitas e variadas, o que nos possibilita afirmar que a querela, o debate e

---

[12]SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo brasileiro e modernismo português.* Subsídios para a história das suas relações. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p. 344.

[13] CARVALHO, R. "Prefácio". In: *A idade do jazz-band*. São Paulo: Monteiro Lobato & cia., 1923.

[14] Ao discorrer sobre as propriedades do manifesto, Alain Jaubert, em *Les grands manifestes littéraires*, atenta para o formato epistolar desse tipo de texto, o que tanto constroi uma imagem do público desejado, quanto expõe metodologicamente as questões programáticas a serem postas em prática. Ver: JAUBERT, Alain; FAUTRIER, Pascale. *Op. cit.* Paris: Gallimard, 2009.

a divergência obtiveram lugar bem mais assíduo naquela quadra, mesmo entre os grupos que abraçaram a causa do movimento. Uma tal perspectiva ressalta o quanto o relacionamento com o mundo ibérico, nos diversos sentidos de seu âmbito, ocupou espaço decisivo na constituição das atividades modernistas, incluídos os arredores da nacionalidade.

3. O mundo ibérico e os dilemas modernistas brasileiros

Ao lado da pesquisa da história e das tradições brasileiras, as relações internacionais foram essenciais ao programa modernista. Mário de Andrade, por exemplo, manteve importante correspondência com José Osório de Oliveira, propagandista da literatura brasileira em terras lusitanas[15]. Trata-se de um dado apenas para demonstrar que uma das tarefas para contribuir com a afirmação da nossa modernidade era inserir o país no meio intelectual externo. Desse ângulo, Ronald de Carvalho apresentava importância estratégica por ter sido um dos escritores modernistas que mais circularam no exterior, até por força da sua profissão e da situação financeira privilegiada, o que contribuiu para sua participação ativa no esforço de internacionalizar a cultura brasileira.

A atuação do escritor na gênese da revista portuguesa *Orpheu* é decisiva para investigar o contato com os dilemas essenciais da vanguarda, cujas questões Ronald de Carvalho conhecia, pelo menos desde 1914, quando o periódico começou a ser idealizado[16]. A aproximação dos dois modernismos envolve, para além da chave interpretativa colônia-metrópole, o universo das diferenças e singularidades culturais e políticas brasileiras e portuguesas frente ao cenário internacional[17]. Diante disso, Portugal importava ao plano pragmático da divulgação das novas ideias. Se os escritores brasileiros voltam-se para suas próprias raízes na dinâmica criadora dos seus trabalhos, Portugal tornava-se relevante para o ambicionado programa de internacionalização dessa literatura renovada porque porta de entrada dos brasileiros na Europa. A figura de Ronald de Carvalho no interior desse projeto de universalização

---

[15] José Osório de Oliveira dedicou-se à literatura brasileira no período de 1920 a 1940, aproximadamente, escrevendo obras de divulgação de escritores brasileiros em seu país. Em "Um espelho do Brasil e de Portugal: Mário de Andrade e José Osório de Oliveira", Ricardo Carvalho destaca o debate estabelecido entre os dois escritores, que se manifestou, além da troca de cartas (hoje arquivadas no IEB/USP), através da leitura e das anotações que um fez na obra do outro. Ver: CARVALHO, Ricardo. *Op. cit.* In: *Scripta*. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Cespuc. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas; v. 11, n. 20, p. 207-213, 2007.

[16] Ainda que, em *Modernismo brasileiro e modernismo português,* Arnaldo Saraiva redimensione e discuta a participação de Ronald de Carvalho na revista, é possível interpretar essa proximidade com os portugueses como uma parte das inúmeras relações vivenciadas com a Europa pelos modernistas, o que possibilita uma reflexão acerca dos preceitos estéticos incorporados à sua crítica e à sua trajetória intelectual e política. Ver: SARAIVA, A. S. *Op. cit.*

[17] Na *Apresentação da Poesia Brasileira* (1946), Bandeira compreende ter sido pequena a influência exercida pela vanguarda portuguesa na poesia de Ronald, apesar do contato estabelecido por ocasião da colaboração com a referida revista, e sustenta que a adesão dele ao modernismo seria fruto da viagem de Mário de Andrade e Oswald de Andrade ao Rio de Janeiro em busca de adeptos para a nova proposta. Abel Barros Baptista, quando redige um verbete sobre Ronald de Carvalho para o *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (Apud: MARTINS, 2008; pp. 145-147), problematiza a idéia difundida por Manuel Bandeira a respeito do poeta carioca. Da perspectiva de Abel Baptista, a consideração de Bandeira importa em virtude do apelo retórico para a definição do modernismo brasileiro e dos estudos literários engendrados pelo período, tese inscrita também e mais amplamente desenvolvida na sua obra *O Livro Agreste*.

importava aos dois países e a maneira cosmopolita com que se relacionou com a cultura revela que seu projeto de modernização envolvia a envergadura do exercício diplomático.

Além da relação com Portugal, também devem ser analisadas as relações literárias entre os escritores latino-americanos, que ganharam relevância no interior do projeto de ação modernista. Ronald de Carvalho foi peça-chave no intercâmbio cultural entre os países do lado de cá do Atlântico; intercâmbio este que visava a aproximar os interesses comerciais e administrativos dos países. Em carta a Mário de Andrade, datada de 25 de maio de 1923, o próprio escritor expressa o caráter, por assim dizer, missionário de sua atividade diplomática: "Afinal, o embarque! Deixo com melancolia, embora por um momento, mercê de Deus, a nossa batalha. [...] Vou para outra batalha, certo de que esse duro sacrifício vai refletir de algum modo sobre a nossa Causa".[18] Em carta a Bandeira, Mário de Andrade oferece um breve delineamento do empenho produtivo de Ronald em prol da difusão cultural dos países. Conversando com o amigo a respeito da cultura argentina, o autor de *Macunaíma* diz: "De quem não li nada e preciso ler é o Borges. Já uma vez o Ronald me disse que era o mais forte de lá." [19].

No tocante ao estreitamento de laços com países vizinhos, o trabalho em periódicos é indissociável do projeto de divulgação e inovação cultural e, se houve sucesso, deve-se em muito à prática epistolar. A relação de Ronald com a América Latina pode ser identificada pela sua participação, a partir de setembro de 1922, na revista portenha *Nosotros*, o que se inicia com o artigo "La Novela Brasileña", que traça um arco histórico e panorâmico dos principais romances brasileiros, do romantismo aos seus dias[20]. Essas aproximações são especificadas na sua correspondência a Mário de Andrade[21]. Nela, há referência a Manuel Gálvez e Luís Emílio Soto, importantes intelectuais argentinos atuantes em favor do intercâmbio cultural entre os dois países nos anos 20. Ao lado de Ronald de Carvalho, Monteiro Lobato e Mário de Andrade também empregaram seus esforços para aproximação com os escritores argentinos, atuando em periódicos e estabelecendo extensa correspondência, conforme demonstrou Patrícia Artundo no livro *Mário de Andrade e a Argentina*[22]. Ainda no âmbito das relações argentinas, acrescente-se a informação que, em 13 de dezembro de 1925, Ronald de Carvalho publicou em *O Jornal* uma crítica sobre o livro de Gálvez, *El Metafísico*, editado em português por Monteiro Lobato, com quem o intelectual argentino manteve extensa correspondência. Outro dado em acréscimo, diretamente relacionado ao encadeamento das aproximações entre Brasil e Argentina, é a resenha produzida por Ronald de Carvalho e publicada em *O Jornal* a respeito da obra de Jorge Luis Borges em 9 de outubro de 1926 e que se intitulava "Gente de Martín Fierro".

---

[18] **Fundo Mário de Andrade**, série: Correspondência, sub-série: Correspondência passiva, do IEB, 1923-1925.
[19] ANDRADE, Mário. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*.
[20] CARVALHO, R. "La Novela Brasileña". In: *Nosotros*. Buenos Aires. Año XVI, Tomo XLII, nº 160, 1922.
[21] **Fundo Mário de Andrade**, série: Correspondência, sub-série: Correspondência passiva, do IEB, 1923-1925.
[22] ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina*.

As relações internacionais de Ronald de Carvalho e os caminhos que trilhou para constituir a modernização cultural do seu país definem de modo expressivo a urgência do diálogo mantido pelos modernistas com inúmeros países e múltiplas manifestações culturais. Essas aproximações marcam os dilemas da intelectualidade brasileira no momento em que se multiplicou a produção ensaística, mecanismo de reflexão sobre o Brasil, nas suas mais variadas manifestações. A pesquisa que venho realizando entende que o exame da correspondência deste poeta configura e acentua os diversos contextos em que o intelectual brasileiro atuou para tornar mais profícuo e ágil o projeto de atualização. Falar de suas cartas é falar de uma escrita de finalidade estética e institucionalizadora, porque são textos que desenham o empenho pragmático dos escritores naquele período. Apesar de poucos exemplares, explicitam os problemas emblemáticos do homem e da sua época. Vistas pelo ângulo da classificação temática que proporciona, sua correspondência possibilita que hoje se codifiquem os mecanismos de relação social e as estratégias de elaboração que atravessaram a conjuntura do modernismo.

4. *Aquilo que das cartas repercute*

As múltiplas atividades desempenhadas por Ronald de Carvalho – diplomata, ensaísta, conferencista e missivista – confluem na redação de *Toda a América*, livro de poemas publicado em 1926. Aqui, a fatura poética deixa transparecer as marcas do trabalho crítico de Ronald, como se o labor ensaístico, facultado largamente pelas viagens diplomáticas, favorecesse ao aprimoramento estilístico. Uma análise formal e minuciosa do poema levaria longe e fugiria aos objetivos da formulação deste ensaio. Por ora, releva destacar que a ressonância do exercício crítico na lírica filia o livro ao debate modernista. O aspecto fundamental de *Toda a América* reside no que se poderia chamar de *função difusora* do livro — desde que ao termo "difusão" fosse atribuído o sentido "missionário" que ele adquire nos seus trabalhos ensaísticos, incluindo aí conferências e correspondência. O seu epistolário refere-se à combinação desse ponto de vista cultural e diplomático no traçado dos versos. Em 9 de setembro de 1925, Ronald escreve a Mário de Andrade informando-lhe a entrega dos originais de *Toda a América* ao editor. Além de manifestar o interesse pela recepção e discorrer acerca da ordenação do livro, Ronald esboça o projeto subjacente à escrita, dizendo:

> Lembrei-me de te escrever, também, porque ontem entreguei os originais do meu TODA A AMÉRICA ao editor, e lá vem o teu nome na Carta de Brodway[23], que aqui te mando. [...]
>
> Manda dizer o que pensas da tua carta de Brodway e do Brasil. Meu livro se divide em: Advertência, Brasil, Cartas, (todas as cartas da América, E. Unido, México, Chile, Antilhas e etc.),

[23] Trata-se do poema "Broadway", do livro *Toda a América*, dedicado a Mário de Andrade.

> Jornal dos Planaltos (motivos do México) e Toda a América, um longo poema, que é um pé de vento, é a minha cabeça rolando por todo este nosso continente, que nós estamos descobrindo.[24]

Está claro que *Toda a América* não foi composto com finalidade ruidosa, ou seja, com a irreverência peculiar às criações de alguns dos seus colegas. É preciso ver essa obra, contudo, no interior da inquietante exploração dos ângulos mais variados da cultura internacional e brasileira, para aquilatarmos o seu caráter diante das aspirações poéticas do autor e do seu tempo. Ronald de Carvalho e os companheiros da sua geração tinham a convicção de habitar um mundo extenso e variado e, em razão disso, aspiravam com fervor internacionalizar seus próprios trabalhos e os do grupo a que pertenciam. Por ser um diplomata, seu projeto favorecia uma abertura internacionalizante da literatura e *Toda a América* é uma interpretação pessoal dessa ambição coletiva. No fragmento da carta acima transcrito, o missivista explica o postulado central do planejamento da sua obra: ver a América com olhos próprios, excluindo desse olhar a "memória erudita". Apesar de todo arsenal de erudição, o desejo é o de apreender a mística que paira sobre a cultura americana, no interior da qual se encontra a brasileira.

Em linhas gerais, *Estudos Brasileiros* (livro que reúne as conferências do autor no México, realizadas em 1923) precede de forma sistemática a configuração dos planos de *Toda a América*, sobretudo no tocante ao "sentido difusor" acima mencionado. Esse item traça o itinerário do intelectual Ronald de Carvalho e, através da epistolografia que cerca o seu nome, é possível dimensionar o debate em torno da finalidade propagandista como uma das tarefas inovadoras do momento. Na ocasião do lançamento da primeira série de *Estudos Brasileiros* (1924), o grupo modernista prestou-se à tarefa de discutir o livro, sua forma e objetivos. Pautando-se por comentários divergentes, a recepção do livro contribuiu para evidenciar um dos pontos nevrálgicos do movimento, pois abordava a distinção entre a difusão de novas ideias e a descoberta de novos problemas, esta, sim, mais sintonizada com as propostas que uma parte daquele grupo idealizava. A esse respeito, Mário de Andrade escreve a Bandeira referindo-se a uma carta que teria enviado a Ronald, na qual expôs os problemas que havia percebido na obra. Bandeira, por sua vez, responde, dizendo:

> A minha opinião sobre os Estudos Brasileiros é igual a tua, somente eu acho muito belo o capítulo sobre a Psique brasileira. Ali há síntese lírica. O mal do Ronald foi ter chamado o livro Estudos Brasileiros quando devia ser Conferências no México. Como conferências no México está magistral.[...].[25]

Apesar da extensão e da natureza dos assuntos de que se ocupava Ronald, o que mais incomodava à crítica era a ausência da dimensão reflexiva aos ensaios, característica que, se se adequava à

---

[24]Cartas a Mário de Andrade. In: **Fundo Mário de Andrade**, série: Correspondência, sub-série: Correspondência passiva, do IEB, 1923-1925.

[25] Apud: ANDRADE, M. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*.; p. 138.

conferência, não estava à altura de um livro em cujo título encontrava-se o vocábulo "estudos". Esse tipo de composição exigiria maior complexidade, desenvolvimento e profundidade do que identificado no livro em questão. Em conformidade com essa perspectiva encontravam-se Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto. Os autores publicam na Revista *Estética*, de janeiro-março de 1925, uma resenha intitulada "Ronald de Carvalho – *Estudos Brasileiros*", cuja finalidade principal é demolir, sem rodeios, o livro do poeta carioca:

> Com esta primeira série de estudos brasileiros, o excelente poeta que é o sr. Ronald de Carvalho nos dá o mais fraco de seus livros em prosa. Reunião de conferências no México, seria talvez preferível que esses Estudos aparecessem em espanhol, no México, onde poderiam prestar muito bom serviço de informação. [...].[26]

Como se vê, da perspectiva de alguns dos seus contemporâneos, Ronald de Carvalho incorria num grave defeito em sua produção ensaística: ser menos um *descobridor* e mais um *vulgarizador* (e, portanto, não ter originalidade de pensamento), o que lhe conferia um ar didático, capaz de ordenar um raciocínio, mas não de descortinar novos problemas. É preciso envolver um sistema epistolar maior para compreensão mais ampla desse debate, o que vai além do mero fato e concerne às fissuras da formulação do modernismo. Desse modo, a leitura de cartas que envolvem o autor, não necessariamente pertencentes ao seu conjunto de correspondência ativa e passiva, favorece a percepção dos múltiplos ângulos que compõem a polêmica recepção ao livro. Essa questão adquire outro enfoque se refletida à luz do papel do intelectual nesse trabalho inovador da arte e da cultura, pois, parece-me, é por esse prisma que a figura de Ronald de Carvalho deve ser enfrentada. São precisamente as correlações do autor da *Pequena História da Literatura Brasileira* que nos permitem compreender as possibilidades e os limites dos intelectuais no processo de modernização então em pauta, porque qualificada pela responsabilidade social do exercício desse papel. Mário de Andrade compreende esse dilema. Em carta a Prudente de Moraes, o crítico paulista repreende o seu interlocutor e assinala as conseqüências da resenha sobre o espírito do conferencista, dizendo:

> Meu caro Prudente, necessidade imperiosa de responder já a tua carta. [...] É que estou preocupado com o caso do Ronald. [...] Não tenho nenhuma pretensão de aconselhar, mas raciocino junto com vocês. Os Estudos Brasileiros foram pra mim também uma enorme desilusão. [...], tudo eu disse em carta a ele. Parece-me que não gostou. [...]Pensem bem nisto: o livro tem os defeitos que tem, só pra nós, um grupo restritíssimo. Pros outros encanta e é de grandíssima utilidade. O livro não pode passar despercebido à Estética. Isso é indiscutível. Pois não será preferível compassadamente lhes salientar apenas os lados bons? A utilidade, a importância do Brasil nos estudos novos, a clareza extrema de exposição, faculdade raríssima entre nós, os modernistas [...] – lembrar que os Estudos são conferências daí o lado encanto de dicção, coisa dizível que tem etc? [27]

---

[26] Ver: HOLANDA, S. B. *O espírito e a letra*; p. 204.
[27] Apud: KOIFMAN. *Op. cit.,* pp. 58-60.

Esta carta contém dois indicadores capazes de exprimir a imagem de Ronald entre seus contemporâneos: clareza das idéias e caráter de divulgador, atributos que, no momento de renovação que se vivia, pareciam inconvenientes, pois, para alguns, aborrecia, enfastiava, dado o seu tom acadêmico. Para outros, ao contrário, como Mário de Andrade, essas qualidades satisfaziam à necessidade de divulgar o país, tornando-se relevante em razão do seu teor estratégico. Mário de Andrade parece compreender que a finalidade de propagar ideias impunha a Ronald um cuidado especial com o método e a adoção de linguagem cristalina, apropriada a uma escrita de difusão. Os argumentos do crítico paulista são formulados com a perspicácia de quem concebe o trabalho do intelectual brasileiro segundo um programa de execução e, por isso, o livro de Ronald deveria ser encarado pela sua utilidade e beleza de escrita e aí residiria a sua importância. Trata-se, portanto, de um dilema enfrentado pelo programa modernista no momento da confecção do pensamento inovador: para constituir uma literatura cosmopolita, projeto de grande envergadura, era necessário empreender medidas desiguais, incluindo nelas uma boa recepção a um texto meramente divulgador. Esse diálogo epistolar fornece um discurso crítico acerca das diversas extensões desse processo de modernização, sendo fundamental o estabelecimento de um clima favorável para solidificar uma comunidade de escritores capazes de avançar no terreno cultural do país.

Embora fazendo restrições a *Estudos Brasileiros*, a postura de Mário de Andrade, segundo ressoa do debate epistolar a propósito do livro, destaca a compreensão do valor pragmático do colega carioca, absorvendo os limites da sua ação política e cultural e deixando clara a compreensão da sua responsabilidade para difundir a literatura e a cultura brasileiras. O criador de *Macunaíma* perceberá, desse modo, que o valor da obra não residiria na sua capacidade reflexiva, mas definirá como valor o seu código utilitário. Dessa perspectiva, a imagem de Ronald de Carvalho se compõe em razão de um projeto intelectual levado com tenacidade por quem se propunha a agir sobre as situações problematizadoras da cultura do país. Os dilemas enfrentados pelo intelectual brasileiro estão sintetizados nessa polêmica recepção e Mário de Andrade expõe suas hesitações com maior clareza ao dirigir-se a respeito do problema a Renato Almeida. Em 24 de abril de 1925, escreve longamente ao amigo musicólogo, desenvolvendo suas considerações sobre a obra. São, na verdade, reflexões que aprimoram os comentários registrados na marginália do seu exemplar do livro, conservado em seu arquivo no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP). Diz Mário de Andrade a Renato Almeida:

> Eu já lera uma das conferências do livro, saída na *América Brasileira* e o capítulo sobre Literatura saído não sei mais onde. Se não me engano disse mesmo pro Ronald que gostara desses trabalhos. Porém eu gostara deles referindo-os ao que eles eram. Vulgarizações de revista e de conferência. Nunca me passou pela cabeça que haviam de sair em livro com o nome pomposo de *Estudos Brasileiros*. Isto agora era bem diferente, Renato. [...] Sem dúvida eu encontrava dentro dele as grandes qualidades de prosador do Ronald, clareza, luminosidade mesmo, boa

> dicção, concatenação, sonoridade mais que rica, vocabulário exato. E por isso mesmo o livro mais me indignava. [...] Renato, eu sei de que maneira linda você é amigo do Ronald e seria incapaz de abusar de você exigindo que ouvisse sobre o Ronald coisas que eu não diria pra ele. Esta carta eu peço que ele a leia também. [...] daquele livro do Ronald surge um poder de reflexões pejorativas. Por exemplo: que ele está acendendo uma vela a Deus e outra ao Diabo. O diabo aqui é o passadismo. Passadismo e não passado. [...] É incrível que Ronald com a maravilhosa inteligência que tem se esteja esquecendo de que a palavra tem de servir.[28]

Esta carta, que segue bastante longa, sintetiza os dilemas que a figura de um intelectual como Ronald de Carvalho vivenciava, bem como problematiza as linhas de força do pensamento modernista. Primeiramente, porque sistematiza as diferenças valorativas daquele tempo: a utilidade de um trabalho de vulgarização *versus* a adequação que um texto dessa categoria deveria encontrar em razão do veículo eleito para sua circulação pública. Em segundo lugar, a divergência de Mário se desenvolveu por dois eixos: 1) a grande clareza desperdiçada; e 2) a ausência mais definida da posição estética de Ronald, interpretada por Mário de Andrade, em outros termos, como vacilante. O papel da epistolografia aqui é fecundo para se investigar o debate heterogêneo, labiríntico e vincado de muitas divergências, conforme o empreendido pelos intelectuais dos anos 20. Nesse sentido, a polêmica em torno dos *Estudos Brasileiros* deixa-nos pressentir os impasses vividos por alguns dos escritores da época: ser capaz de abraçar o processo de modernização, refletindo sobre as obras de criação e seu contexto em razão das novas idéias estéticas e políticas que aqui aportavam, ao mesmo tempo em que se abraçava o projeto de esclarecimento e estabelecimento da nacionalidade, que deveria ser conjugado aos interesses internacionalistas do projeto cultural e político do país e em acordo com a visão otimista que vigora na elite brasileira desde os oitocentos, apesar do entorno.

Conforme Ronald de Carvalho compõe sua feição através de correspondência, conferências e atuação diplomática, incorpora em cada uma dessas atividades a visão modernizadora da cultura, segundo a qual era preciso estabilidade[29]. Da sua perspectiva, a existência de grandes talentos esparsos ao longo do tempo não bastava para estabelecer uma literatura organizada, era preciso ainda criar canais institucionais que garantissem o estabelecimento de uma tradição enraizada e duradoura. É, então, no sentido da institucionalização da cultura brasileira que Ronald dirige seus esforços, escrevendo ensaios de divulgação, o que se prolonga através do intercâmbio social e cultural com outros países. Pelo viés da correspondência, o estudioso hoje pode dimensionar as controvertidas questões formais e o complexo ideário crítico no contexto do debate formulado no terreno irregular e controverso da nacionalidade. Na espontaneidade desses textos, Ronald deixa bem claro o seu painel de intenções intelectuais: ser útil,

---

[28] Apud: NOGUEIRA, M. G. P. *Edição Anotada da Correspondência Mário de Andrade e Renato Almeida*; p. 106.

[29] Na *Pequena História da Literatura Brasileira*, afirma o autor: "Já se disse no decorrer deste livro que não possuímos a noção da estabilidade; ora, sem essa qualidade primacial, que não se improvisa e somente se adquire com o trato e a experiência dos homens e do mundo, não haverá equilíbrio nos conceitos nem justeza nos comentários; não haverá filosofia na história, nem penetração na crítica." Ver: CARVALHO, R. *Op. cit.*1968; p. 177.

sempre que possível, e comprometido com uma ação cultural destinada a fazer dos artistas seus contemporâneos um exemplar da moderna estética ocidental. A identidade brasileira por ele propagada visava a um projeto artístico inovado, produto da assimilação singular de propostas importadas com as raízes culturais do país e, por isso, a tônica nacionalista é o método do seu trabalho, o que ocorre pelo prisma do enfoque estético.

Para o espaço da rede epistolográfica que o envolve, convergem personagens, situações, confrontos e ambiência histórica, tudo isso num tipo de escrita que trabalha enfaticamente na forma da apresentação, preocupada com a exposição dos argumentos e ilustrando as personalidades controversas dos anos modernistas. Lida em seu contexto, a correspondência de Ronald de Carvalho enuncia e identifica o cenário intelectual dos anos 20, porque tanto marca a urdidura da instauração do modernismo, descrevendo as figurações do sistema literário daquele momento, quanto elucida os mecanismos intelectuais para esse fim, o que inclui a heterogeneidade das opiniões.

O debate sobre os *Estudos Brasileiros* define os traços das relações sociais vivenciadas pelos intelectuais modernistas, em seus múltiplos e, às vezes, antagônicos aspectos. Nos anos iniciais da instauração do programa, a despeito da imagem triunfal e segura posteriormente consolidada acerca do período, o exame da epistolografia trocada entre as personagens então atuantes permite avistar os mais diversos tipos de compreensão daquilo que seria capaz de funcionar como resposta aos novos anseios de organização cultural. As perguntas decorrentes desse debate se inscrevem nas perspectivas de modernidade de cada um. Situando o tema de outro modo, é possível indagar como Ronald e seus colegas de geração compreenderam o trabalho de institucionalização cultural e a ele se entregaram. Diante disso, cabe investigar também como esse problema foi enfrentado por Ronald de Carvalho, um poeta simultaneamente ligado à vanguarda portuguesa e historiador premiado pela Academia Brasileira de Letras, articulista de periódicos literários do Brasil e do exterior, que mantinha claros anseios universalizantes, explorados no contexto da sua atividade diplomática.

A pesquisa que realizei até agora me levou às questões que ora formulo. Para enfrentá-las, o exame da rede textual que cerca o nome de Ronald de Carvalho tem importância de base, não por apresentar respostas aos dilemas intelectuais daquele decênio, mas por expor as fissuras, os problemas e hesitações que delinearam o processo modernizador brasileiro e articulou o campo cultural ao político. Os eixos que ordenam as trilhas da correspondência deste escritor (o divulgador, o viés crítico-memorialístico, a finalidade auto-reflexiva e as relações internacionais) configuram os pontos centrais reorganização do país e incidem sobre os traços de sua construção poética, notadamente *Toda a América*. Associar e estabelecer as várias atividades desenvolvidas por Ronald de Carvalho (articulista, conferencista, historiador, diplomata, bom amigo, amante das artes) evidencia os mais diversos sentidos atribuídos ao próprio ato de escrever cartas e demonstra como estas evidenciam em seus relatos os dilemas vivenciados isoladamente, mas compartilhados no âmbito coletivo.

Referências bibliográficas:

ABREU, Mirhiane Mendes de. “Sensações e deslocamentos – a viagem em *Toda a América*”. In: *Letras de Hoje,* n. 2, 2011.

ANDRADE, Mário. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: Edusp, 2ª ed., 2001.

ARTUNDO, Patrícia. *Mário de Andrade e a Argentina*. São Paulo: Edusp, 2004.

BANDEIRA, Manuel.*Apresentação da poesia brasileira.* Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946.

BAPTISTA, Abel Barros. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.

BEM, Jeanne. " L'épistolaire dans les romans de Flaubert". *Bulletin des Amis de Flaubert-Maupassant*, (numéro 1), p.57-72, 1993.

CANDIDO, Antonio. "Literatura e cultura de 1900 a 1945". In: *Literatura e sociedade.* São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CARVALHO, Ronald. *Pequena história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia. Editores, 1968.

CARVALHO, Ricardo Souza de. "Um espelho do Brasil e de Portugal: Mário de Andrade e José Osório de Oliveira". In: *Scripta*. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Cespuc. Belo Horizonte: Editora PUC- Minas; v. 11, n. 20, p. 207-213, 2007.

CASTELLO, José Aderaldo (org.). *A polêmica sobre "A Confederação dos Tamoios".* São Paulo: Setor de Publicações da FFLCH, 1953.

CHAMAYOU, Anne. *L'ésprit de la lettre.* Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade.* Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

GALVÃO, W. N. & GOTLIB, N. B. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2000.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo***.** Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*. Estudos de Crítica Literária. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

JAUBERT, Alain; FAUTRIER, Pascale. *Les grands manifestes littéraires.* Paris: Gallimard, 2009.

KOIFMAN, Georgina. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. 1924/36. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MARIÁTEGUI, José Carlos. "Chocano". In: ____. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana.* Lima: Armauta, 1959

MARTINS, Fernando Cabral. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português.* Lisboa: Caminho, 2008.

NOGUEIRA, Maria Guadalupe Pessoa. *Edição Anotada da Correspondência Mário de Andrade e Renato Almeida.* Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/USP, 2003 [mimeo].

SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo brasileiro e modernismo português.* Subsídios para a história das suas relações. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

SENNA, Homero. *República das Letras.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

TÁVORA, Franklin. *Cartas a Cincinato.* Organização, introdução e notas de Eduardo Vieira Martins. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.

VITOR, Nestor. *Cartas à gente nova.* Rio de Janeiro: Edição do Anuário do Brasil, 1911.